

AS VÁRIAS BOCAS DE DEUS: CÓLERA, *HYBRIS* E FÚRIA NA NARRATIVA HILSTIANA

Deneval Siqueira de Azevedo Filho (UFES)

Como a senhora D, sem Deus, no fim do milênio, entre miséria, loucura e lixo atômico, para nós mesmos a vida pode ter sido ou – mais terrível – estar sendo somente “uma angústia escura, um nojo negro”. (Caio Fernando Abreu)

Ao demonstrar que não tem medo de perder o que têm de mais valioso, ostentam uma coragem que eles acreditam capaz de intimidar seus inimigos. (Hilda Hilst)

Hilda Hilst tem certamente o seu lugar marcado no leque dos experimentos contemporâneos por ser uma autora que, em atitude rara na literatura brasileira, grafa seus livros em “sacolejos da página demasiadamente abruptos: salta-se do prazer ao repúdio, da linguagem preciosa à chula, de alusões políticas a passagens góticas, da comicidade ao patético, do comovente ao besteiro.”¹, com passagens extremamente obscenas, compondo uma ficção tocada pela poesia, sem dúvida, pelo hermetismo e pela morbidez e desencanto, fazendo surgir aos olhos do leitor perplexo um texto híbrido, com forças constantes recorrentes, e principalmente em *Estar Sendo.Ter Sido*, obra aqui enfocada em alguns aspectos autobiográficos que forcem a convivência de personagens fictícias, personagens verdadeiros da convivência da autora, animais de preferência, símbolos, numa mandala lingüística que faz com que sintamos dolorosamente a angústia sardônica e cruel dessa narrativa desolada. Do sublime ao grotesco e obsceno, a autora procura vislumbrar um Deus que está no cu da personagem Vittorio, uma espécie de superego da autora, assim como Stamatius em *Cartas de um sedutor*. A revoada de angústias (por mais que possa parecer o contrário) nos faz lembrar as palavras de Leo Gilson Ribeiro a respeito de sua

¹ ARÊAS, Vilma. Prefácio a *Holocausto das Fadas: a trilogia obscena e o carmelito bufólico de Hilda Hilst.*, de AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira. São Paulo: Annablume; Vitória: EdUFES, 2002.

produção ficcional mais remota: a novela hilstiana seria “uma afinidade espiritual enraizada com os textos flamejantes de Samuel Beckett.” Em *Estar Sendo.Ter Sido*, como ele, Hilda põe em dúvida a existência de deus quando oscila entre o supremo desejo de vê-lo materializado ou dá-lhe forma num significado maior, ao mesmo tempo que o funde ao seu ímpeto sacrílego e herege de dizer que o cu é “o único buraco aqui na Terra onde Deus habita” (p. 90). A audácia sacro-herética tenta dar a esse Deus procurado uma boca, uma língua, uma toca: “Rosinha, deus gosta de tudo o que criou, nada é triste, nem escuro, nem amerdalhado, nem fede a bosta nem a malvavisco, tudo é bonito, porque vem de Deus, viu Rosinha? Ele é um dorso sem cara, um chifre negro, um olho azul, azul”.(Id.) Numa aliança corajosa, de profunda meditação filosófica, se une a Beckett, para quem os abjetos rebotalhos se transformam em personagem na velhice; em Hilst, ao contrário, numa pirueta própria de sua argúcia ficcional, a própria velhice se traveste de abjetos ornados de ouro e pedrarias. É assim que descreve o seu deus-cu-rococó: “pois é pois é, tem o cu assim ó, todo de ouro, e bem no buraco uma ametista roxinha, mas não, você é Rosinha, pois é, então uma ametista. E olhando lá no buraco, com atenção redobrada, não como você olha distraída o meu buraco...” (p. 109). Ou...em confissão:

.e os espelhos hão de estar aqui, e também por aqui o meu risível e contorcido esqueleto, o idiota do Vittorio, aquele bufão bêbado, por mim se torcendo inteiro... por ti yo me rompo todo etc. ele está aí, Rosinha, com seu chapéu de gomos de seda, gomos estufados, sua gola de rendas, franzida, alta, creme e prateada, o blusão de veludo, sabe, Rosinha, ele está aí dentro, estou sentindo onde se o Vittorio, onde?

No meu cu, idiota, ah, está bem, não chora, já vi que você não entende nada de Deus (Id.)

Como disse Foucault², nem o recurso da uma experiência originária, nem o estudo das teorias filosóficas da alma, das paixões ou do corpo podem servir de eixo central num texto mais aberto. Hilda camufla, maqueia, usa máscaras. Fazendo de Deus a boca do seu inferno, que é a decomposição de suas formas, de suas pernas, de seus dentes, aliás os de Vittorio, para

² FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos da Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

desembocar no cu, que parece ser a força mais útil, literariamente falando, desse texto, enquanto metáfora, função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio que a autora tem sobre sua narrativa híbrida e sobre o jogo que faz com as personagens realístico-ficcionais: a narrativa é híbrida sobre si mesma ou de conhecimento de si por si, e nos mostra a poeta que se conhece a si mesma pela boca de deus, essa mesma boca que ela quer nos fazer beijar. Puro sarcasmo, cólera e fúria! Afinal, a autora que se conhece a si mesma pela boca de deus, tem abjeção à pergunta: o que fazer de si mesma? Ou melhor, o que fazer de Vittorio? O quê? Já que “os pulhas que se dizem feitos à maneira Daquele, nós os imundos, os grotescos, e as palavras sempre entupindo arcas, armários cestas” (p. 52). Sempre nos aponta o dedo (de Deus – Aquele): “se entendêssemos o grande buraco escuro onde nos metemos, tudo seria silêncio, e só haveria boca para molhar a língua”. (Id.) Mas o que deve fazer dos restos de Vittorio? Nessa interrogação mais ampla e que serve à autora de contexto explícito do que terá de operar sobre si, o aspecto autobiográfico se inverte: como “se governar”, exercendo ações onde só é objetivo o objetivo dessas ações, o domínio em que elas se aplicam, o instrumento ao qual podem recorrer? Que sujeito que age? O(s) narrador(es), a personagem Vittorio e Deus passam então a (inter)agir, juntamente com amigos seus já mortos ou ainda vivos ou mortos vivos, no campo do absurdo, aquele absurdo de Ionesco e do teatro da crueldade de Beckett – como os críticos franceses o rotulam – e espelham nos escritos de *Estar Sendo. Ter Sido* – prosa poética dramática – a mesma percepção de que os limites do homem se esboroam diante da velhice, do esquecimento, da solidão, da pobreza, como cacos de um sonho, resultado de uma força incompreensível e indiferente à condição humana: o Tempo. Por isso, a Vittorio restam a “ingovernamentabilidade” (palavra usada por Foucault, loc. cit.), a loucura, a doença, a delinquência, mas sempre retomando a lucidez e a cólera diante do SEM FORMA, pois é sublime à personagem saber que está viva! Viva porque existe Deus a procurar, ou seja, existe o buraco, o cu. Do chulo ao

sublime, algumas cenas teatrais são cruéis demais: “vou dançando no arame, algumas piruetas, sou exímio, enquanto danço sei que estou chorando, sem lágrimas, esgares na cara, torcidas de boca, um passo em falso agora, caio de lado e quase rompo o baço. Caí e por quê?” (p. 52) “ouvi: [...] ô Vittorio! Por que não me chamou ? caiu como? Cadeiras e bengalas, tudo a postos, digo: não foi nada, devo ter rachado o cóccix, devo ter rachado a panela.” (Id.)

A história do “cuidado” e das “técnicas” de si seria, portanto, uma maneira de fazer a história da subjetividade uma verdade nessa narrativa hilstiana. Uma alegoria paradoxal. Porém, não mais por meio da separação entre loucos e não loucos (a loucura sempre atormentou a autora), doentes e não doentes, delinquentes e não delinquentes, mas por meio da constituição de campos de objetividade romanesca, no híbrido do seu texto, dando lugar ao sujeito que ali vive, ou seja aquele que quer ver Deus também, ou sente Deus nas relações consigo e com os outros. Só assim seria possível governar-se com o outro, independente da sua conduta. Por isso, moralisticamente, a escritora nos propõe: “e aí rimos os dois porque Matias me diz: e daí? Tu não é papa-picas! Acho que vou experimentar, viu, Matias, deve ser bom na velhice isso de alguém te enrubar, agente pode começar enfiando um lápis, melhor um cotonete”.(p. 53) Língua afiada, escrita híbrida: “Ta doendo, Vittorio?” (Id.)

Entre esses dois marcos extremos – cara e cu/ Deus e Cu, que se unem na obra em questão, como bem colocam Edson Duarte e Clara Silveira no posfácio do livro, “em seu percurso pasmado de agonia, Vittorio continua perguntando, sinistro sarcástico. Poeira que é nudez intensa que se difrata agônica”³ e citam Octavio Paz (aliás, essa citação é uma dica minha ao Sr. Edson em conversa sobre o livro quando ele ainda estava sendo escrito na Casa do Sol. Lembro-me de que Hilda Hilst ainda não tinha escrito além da página 57): “O sol dissolve a

³ DUARTE, Edson & SILVEIRA, Clara. “a vida:uma aventura obscena de tão lúcida”. In: Posfácio a HILST, Hilda. *Estar Sendo. Ter Sido*. São Paulo: Nankin, 1997.

dualidade cara e cu, alma e corpo, numa única imagem, deslumbrante e total. Recobramos a antiga unidade e essa unidade não é nem animal nem humana...’⁴

Mas, *em Estar Sendo. Ter Sido*, o movimento pelo qual a alma de Vittorio se volta para ela mesma é um movimento pelo qual o olhar da personagem é atraída para a boca de Deus – para o elemento sacro-profano, para as essências amorais e para o mundo absurdo em que são alegorizadas. Não há, na obra de Hilda Hilst, outro fim nem outro termo a não ser estabelecer-se junto a si mesma, “residir em si mesma”. Essa é a grande ironia. O objetivo final de Vittorio é estabelecer um maior número possíveis de relações consigo mesmo. Intratextuais. Dialógicas, fantasmagóricas. Essas relações são soberanas no discurso hilstiano, pois suas personagens exercem sempre um domínio total de si mesmas, autonomia, independência, hibridamente e, na maioria das vezes, a partir do modelo do gozo possessivo: gozar de si, ter prazer consigo mesmo, encontrar em si toda a sua volúpia literária incontida: “o porco comeu o filho da Etelvina. Tive tanta pena do porco, do filho, de Etelvina (assim mesmo, nessa ordem). Que maçada, me disse na tarde que escoava”. (p. 96)

Tem-se aí, portanto, todo um conjunto de técnicas com o objetivo de retomar a gênese dos textos fundadores de sua ficção, mas fortemente de *A Obscena Senhora D*. Para tal, precisa-se compreender bem: não se trata nunca a narrativa hilstiana da vontade de descobrir uma verdade no sujeito, nem de fazer da alma ou de Deus o lugar em que reside a verdade, por um parentesco de essência ou por um direito de origem; tampouco se trata de fazer da alma humana o objeto de um discurso verdadeiro – ao contrário é fortíssimo o lado mimético insuspeitado da obra. Diz-se! Mas, arma-se a personagem Vittorio de uma verdade que não quer conhecer e que reside nele: trata-se de fazer dessa verdade aprendida, memorizada, progressiva e repetidamente aplicada à narrativa, por um tipo que reina soberano: onipotente, onisciente, heterozigótico,

⁴ PAZ, Octavio. *Conjunções e disjunções*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

esquizofrênico, filho da puta: “as coisas que o Criador faz, deve rir sem parar das coisas que constrói.” Assim, podemos nos ater à Carta de Dom Deo:

Só vejo o dorso de Deus, Vittorio, tem listras. nunca lhe vejo o rosto, certa vez tentou acariciar-me, e fez-me uma ferida. aqui em Itiquira tudo é fome. o lugar foi esquecido. eu e meus pobres também. há um leprosário a 5 km daqui e plantamos o dia inteiro numa terra que não é nossa. ajudamos os doentes. há uma pequena capela, e gentes e muitos cães, todos magros e tristes. eu canto às vezes, a canção do sol, diz o estribilho que “o sol ilumina aquele que capina”. quando há fome a poesia é também pobre. por que me escreves? dizes que precisas da minha bênção. minha alma é mais magra que a tua, Vittorio. deus ama a indiferença e a aspereza. descobri há pouco. também é possível domar Deus dentro de nós. blasfemando somos um pouco santos, sabias? excitamos o OUTRO para que não durma tanto. tu és melhor do que eu. acaricio tanto a meu Deus, tanta volúpia que hoje tenho as mãos feridas e muitas vezes sangro, temos a mesma idade, Vittorio, eu e tu, eu e Deus, é um velho também. Ele. mas forte como um tigre-menino. tem horror que se saiba o nome. certa noite, intuí, então chamei-O. lanhou-me todo o ventre. as coxas. a semente. uma voz delicada e sonolenta vinda das folhas altas de umas árvores negras se expressou assim: Dom Deo, se repetires Meu Nome ainda que às escondidas, dentro da pedra, ou dentro da tua própria barriga, hás de perder a vida. e entendi que não se referia a esta vida, esta aqui da Terra, não Vittorio, ia perder para sempre a mais remota possibilidade de voltar a ser. temo-O agora e contando-te, tremo. não contes a ninguém que o que te escrevo, se souberem disso as gentes, hão de ficar tão desamparadas, como tua amiga Hillé, aquela de quem tanto gostavas, soube por uma vizinha, uma destrambelada, Luzia, que Hillé deixou-se morrer embaixo de uma escada. E que sua última amiga foi uma porca. Hillé chamava-a apenas com este nome: Senhora P. disse-me também Luzia que a senhora P morreu com Hillé, à mesma hora, e no mesmo dia. caríssimo: lembra-te se puderes, de nós aqui. roupas e comidas são bem-vindas e cuidado! Não tentes adivinhar o rosto Daquele Dorso. guarda-te de geometrias e luzes. a mais ínfima busca ao redor dessas duas... cuidado! guarda-te. (p. 76)

O criador gargalha. Ou melhor, Deus gargalha. Retomando Octavio Paz, “a gargalhada também é uma metáfora: a cara se torna falo, vulva ou cu. Os três são figuras-forças constantes na demarcação do território desse Deus hilstiano. Observe-se: “A buça negra vem vindo. Punhal. Velhice. Adaga. Cuspo-lhe na cara. Ela se arregaça lassa. Morte amada.” (p. 117); “o cara se

engraça com você e o outro nhac. Curioso, né? Se for a lingüinha na rabuda no teu pregueado?";

“que horror, seo Vittorio, e ela pica? claro, pica a pica de adão, ...”

Riso frenético. A gargalhada continua sendo a síntese entre a alma e o corpo, o eu e o outro, ainda nas palavras de Octavio Paz (loc. cit.). Somos cíclopes de Deus. Aliás, para Hilda Hilst, da Gargalhada de Deus. Da Boca de Deus. De Lá!